



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenadora/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenadora/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Há um rio que mergulha em mim: ensaio sobre a multiplicidade de caminhos, vidas e experiências no Rio São Francisco (entre Alagoas e Sergipe) e outras antropologias.

Autoria: Igor Luiz Rodrigues da Silva

Este texto está sendo elaborado a partir da vivência que tenho estabelecido com o Rio São Francisco, objeto de pesquisa do doutorado.   um texto sobre mudanças,   sobre se inquietar,   sobre se angustiar,   sobre tentar romper barreiras,   sobre peregrinar, as vezes solitariamente, as vezes em bando, em busca de um humanismo que não se pode encontrar muitas das vezes, na rigidez profunda e hierárquica da academia. É um texto, que tenta fazer um exercício de reflexão, em meio as marés agitadas que rodam a vida acad mica, em especial do fazer antropológico, na vontade cada vez mais idealista de que novos horizontes se abram e possibilidades antes inusitadas de perceber o outro ou os outros possam ser delineadas, como consequência negociável das intera es do cotidiano. A partir do que propõe Ingold (2015), os sentidos dessas abordagens em rela o ao Rio São Francisco e a antropologia, estão implicados na capacidade de desenvolver e articular paisagens com práticas, com habilidades em contato com água, em um passeio e constru o de uma canoa, no jogar de uma rede de pesca, no contato com os peixes, proporcionando engajamentos que condicionem em primeiro plano os processos ao invés dos resultados, em que o pesquisador a partir da suas próprias capacidades técnicas, com hábitos possa estar engajado e produzindo narrativas a partir dos usos que se faz do seu corpo em ambientes diversos. Além do mais, e não menos importante, nessa constru o, a partir de experiências relacionais, eu me apresento como um agente de dentro (insider) e de fora(outsider), nessa aventura junto as águas do Velho Chico, experiência compartilhada por Mol (2005), não estabelecendo padrões de hierarquia, mas antes compartilhando a vida e os moldes de se perceber ao longo do caminho. Quero na verdade produzir uma narrativa antropológica sobre uma fatia da multiplicidade que compõe o



mundo de ser do Rio São Francisco, descobrindo caminhos, através não só da perspectiva de diferentes pessoas, mas prioritariamente, guiado pelo contato direto com o rio, ouvindo, sem ser mítico, as suas vozes e seus seres que habitam cada pedaço da margem, cada loca de pedra, cada contracorrente e marés, com elas flutuar na realidade múltipla, pois, no encontro com o rio, é essencial aprender a ser também um canal de comunicação, portador e transmissor de energia, veículo que transporta o rio dentro de si e o que dele tem aprendido, sentido e vivido. Mergulhar com o rio é ser parte, é ser metade, mas é também ser completo, é ser função, é ser essência, que em combinação com outros organismos, coisas e objetos, confluem para a formulação de uma rede elástica e coesa, que se justapõe na formação de um rio que é único e múltiplo ao mesmo tempo, assim como a antropologia também é plural, múltipla e viva.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

